**A POPULAÇÃO AFRODESCENDENTE BRASILEIRA E AS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DECORRENTES DE PRÁTICAS RACISTAS**

Cláudia Rodrigues Valverde Pinheiro

Psicóloga

Contato: klaudyavalverde@yahoo.com.br

**RESUMO**

É preciso começar a pensar o racismo enquanto causador de adoecimento mental aos sujeitos afrodescendentes brasileiros. A identidade é aqui discutida com a ajuda da visão antropológica,e ela se dá a partir do momento em que o indivíduo se auto identifica em um grupo étnico e passa a ser identificado pelos demais componentes do grupo. O presente artigo trata de um estudo sobre as manifestações racistas e os resultados psicológicos significativos que este causa em grande parte da população afrodescendente brasileira. Para tanto pretende-se compreender como essas práticas afetam as pessoas que sofrem de sua negritude, e então estabelecer relações da temática em questão com as consequências psicológicas. Buscou-se propiciar uma reflexão sobre a omissão e escassez de uma visão mais crítica da psicologia brasileira para o tema aqui proposto, através de revisão literária. Por fim conclui-se que é histórico e complexa a questão racial no Brasil e que o racismo talvez não seja um tema que a psicologia discuta ou tenha interesse, pois são poucos os estudos nessa área, mas é necessário que ela enquanto ciência deva voltar-se as problemáticas existentes em nossa sociedade.

Palavras-chave:

Racismo – Afrodescendente – Identidade – Psicologia - Consequências Psicológicas.

**RESUMEN**

Es necesario comenzar a pensar sobre el racismo como causa de dolor mental al sujeto afrodescendiente brasileiro. La identidad es aquí discutida con la ayuda de la visión antropológica y ella comienza a partir de los momento en que el individuo se auto identifica en un grupo étnico y pasa a ser identificado por los demás componentes del grupo. El siguiente articulo trata de un estudio sobre las manifestaciones racistas y el resultado psicológico significativo que este causa en grande parte a la populación afrodescendiente brasileira. Por tanto se pretende comprender como esa practica afecta a las personas que sufren por ser negro y entonces establecer relaciones de la temática en cuestión con las consecuencias psicológicas. Se busca propiciar una reflexión sobre la omisión y escasez de una visión más crítica de la psicología brasileira para el tema aquí propuesto, a través de revisión literaria. Finalmente concluir que es histórico y compleja la cuestión racial en Brasil y que el racismo talvez no sea un tema que la psicología discuta o tenga interés, pues son pocos los estudios en esa área, por eso es necesario que ella en cuanto ciencia deba ser las problemáticas existente en nuestra sociedad.

Palabras Claves:

Racismo – Afrodescendiente – Identidad – Psicología - Consecuencias Psicológicas.

**INTRODUÇÃO**

Na descrição de Lourenço (2006), o racismo em nossa sociedade representa uma união de teorias que justificam a hierarquia entre as etnias. Conforme Souzas (2005) a sociedade nega idelogicamente o racismo que está em uma reunião de ideias que produz invisibilidade, sofrimento psicológico e que impossibilita uma construção de identidade afirmativa ao afrodescendente. Segundo Ferreira (2004), o racismo não é negado pela população brasileira mas ele é na maioria das vezes atributo da outra pessoa, dificultando assim o seu reconhecimento.

 Sampaio (2008) afirma que o caráter perverso do racismo brasileiro está em sua invisibilidade, pois é algo que socialmente não é falado nem ecoado, mas é sentido e percebido pela maioria da população afrodescendente. Deve-se reconhecer o racismo como propiciador de adoecimento físico e psicológico, pois ele é presente nos sujeitos de cor negra ou parda. O afrodescendente vivencia, sente e sofre consequências psicológicas decorrentes do racismo, mas o outro desconhece a sua dor ao naturaliza-la, visto apenas como um mau que está no outro.

Conforme Silva (2004a), a convivência do afrodescendente na sociedade é distinguida pelas diversas existências de racismo. Grande parte da população afrodescendente em escassas condições de vida enxergam-se como sujeitos inferiores, pois ao estudar, estão em mal escolas, ao trabalhar, estão em trabalhos pouco qualificáveis, e as moradias são ruins, quando não, são moradores de rua.

O racismo é constituído de ignorância e o ódio, é um elemento da ignorância. Geralmente se é racista por ignorância, pois algumas pessoas não têm o hábito de pensar por que elas escolheram por uma coisa e não por outra, porque pensam de uma maneira e não de outra. Alguns racistas não sabem responder porque são racistas (NOGUEIRA, 2008).

Silva (2005) reconhece que é complexo e histórico a construção da identidade do afrodescendente na sociedade pois, a identidade além dos fenótipos serem elementos constitutivos, a construção dela se dá em um processo que envolve dinamicamente a relação que o indivíduo tem na sociedade. É na relação com o outro que o encorajamento do sentido da identidade se desenvolve.

De acordo com Ferreira (2004), os trabalhos na área das Ciências Humanas, além de um precioso exercício de metodologia e instrumento conhecimentos novos sobre uma área ainda pouco explorada, deve voltar-se para a compreensão das problemáticas existenciais concretas dos sujeitos e propor trilhas favoráveis a uma existência mais digna e assim propiciar um ajustamento psicossocial qualificável.

O RACISMO BRASILEIRO

Segundo Garcia (2007), historicamente, o afrodescendente vem se constituindo como sujeito desigual. Para entender o seu problema existente é preciso adentrar no ilusório da social brasileiro. É necessário entender que o racismo, a ideia de branqueamento e o mito da democracia racial não atingem apenas os afrodescendentes, mas atinge brancos bem como outros grupos étnicos raciais. A história brasileira do afrodescendente é fragmentada e não alcança a complexidade relacional dentre brancos e negros, desde a fase escravista até a atualidade. Na descrição de Camargo e Ferreira (2011), o racismo no Brasil foi tradicionalmente constituída pelo colonizador europeu branco que desvalorizou os que não eram brancos, demonstrando dessa forma o poder sobre os negros.

Conforme Silva (2009), o processo social do sujeito afrodescendente é marcado por uma práticas diárias e corriqueira de racismo e de ofensa aos seus sinais étnicos próprios. Para Garcia (2007), na história do Brasil os afrodescendentes têm a figura de escravizados agressivos e irracionais, ocupando em livros didáticos figura negativa, reproduzidos de forma jocosa, como vítimas e submissos, tidos como cumpridores de ordem e desordem do “senhor”. Diferente dos sujeitos historicamente atuantes e conscientes.

Para De Paula (2005), o racismo no Brasil é um conjunto de ideias, de cultura, valores, posturas e comportamentos de um grupo. É uma forma de ver e explicar a vida e a realidade em sua volta, é a crença existencial das raças e na possível superioridade de uma sobre a outra, é a verdade de um grupo pequeno que pela força da repetição ou admissão, torna-se aceita como legítima verdade de um grupo social. Muitas vezes, o racismo é camuflado, encoberto e dissimulado, e ainda, existem os praticantes do racismo, e existem as vítimas, mas as pessoas não os percebem.

Nunes (2006) reconhece o racismo no Brasil atualmente como uma violência diária, apresentada em múltiplas práticas e naturalizada. Para ele, o racismo é evidenciado nas carnificinas cotidianas, ou silenciado, como num olhar de um policial desconfiado, frequentemente sob os afrodescendentes, e que para enfrentar o racismo é necessário, de fato, reconhecer sua existência.

De acordo com Dos Santos (2008), o racismo no Brasil é tratado com dissimulação pelas pessoas. Os afrodescendentes que têm coragem de reclamar são rotulados de neuróticos, e muitas pessoas acham absurdo que eles fiquem indignados com os atos de racismo. E é neste sentido segundo Silva (2009), que há estruturação do racismo brasileiro, a partir do não reconhecimento do problema, sendo mais perverso, pois os sujeitos atingidos por esta prática de racismo estão impossibilitados de se organizar subjetiva e objetivamente para enfrentar tais agressões.

RACISMO: UMA PERCEPÇÃO PSICOLÓGICA

Na descrição de Silva (2009), a Psicologia pouco reconhece a existência do racismo, que socialmente inferioriza os sujeitos afrodescendentes e deixa de colaborar para a explicação de uma experiência emocional extremamente importante que é o sofrimento psíquico e que atinge grande parte da população brasileira.

Entre os anos de 1987 e 1997, Ferreira (2004) fez um mapeamento de todos os artigos, dissertações e teses de doutorado e de livre-docência, disponíveis em duas bibliotecas de Psicologia, Pontífera Universidade de Sã Paulo e Universidade de São Paulo, a fim de saber qual era o interesse da psicologia para com as problemáticas do afrodescendente. Dentre os 3.862 artigos, 60 dissertações e 393 teses de psicologia, totalizando 4.911 estudos acadêmicos, em busca de conteúdos que tivessem referência à temáticas do afrodescendente, apenas doze aproximavam-se de tal assunto, e apenas três tinham sido publicados até o fechamento da pesquisa.

Conforme Bizerril e Cerqueira (2014), é antiético não falar sobre o racismo em uma ciência e profissão frente a uma realidade que tem causado sofrimento à muitas pessoas Segundo Badaró (2012), é fundamental que a Psicologia brasileira cada vez mais adentre para o reconhecimento do racismo como uma problemática existente e persistente em nossa sociedade. Sua ajuda passa por reconhecer, de fato, o racismo como um problema que existe entre nós.

 Uma psicologia ética somente será possível quando ela passar a reconhecer, investigar e dominar as diversas temáticas que estão presentes na sociedade, entre elas o racismo. Enquanto psicólogas (os) devemos aperfeiçoar nossa sensibilidade, para a percepção de quais são os assuntos a serem urgentemente discutidos e utilizar a nossa criatividade epistemológica, para a obtenção da formação de objetos de investigação, e para a configuração de linhas de investigação correspondente, no sentido de produzir conhecimento que de fato possa explicar o nosso real social, possibilitando a sua modificação (SILVA, 2009).

O racismo materializa-se no corpo e o torna um território a ser investigado em sua complexidade e totalidade, buscando investigar quais são os fatores intimamente relacionados ao processo de adoecimento psicológico em grande parte da população afrodescendente (SOUZAS, 2005). Badaró (2012) afirma que é importante para uma boa saúde psicológica ter-se um senso positivo de si mesmo como componente de um grupo social do qual se é participante, sem nenhuma ideia de ser superior ou inferior. Para Filho (2008), psicologicamente a angústia do afrodescendente precisa passar por uma extensa investigação do racismo no Brasil.

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE DO AFRODESCENDENTE NO BRASIL

Conforme Nascimento (2003), a identidade é uma espécie de encruzilhada existencial entre o sujeito e a sociedade, onde ambos se constituem reciprocamente. Na descrição de Laburthe-Tolra e Warnier (1997), a identidade é a interiorização harmoniosa de uma pessoa ou grupo, permitindo-lhe reconhecimento próprio e de ser reconhecido por outros. Ela forma-se em um conjunto de características divididas pelos membros do grupo, permitindo-lhes o processo de identificação dos sujeitos no interior do grupo e de diferença para com os outros grupos. A identidade é um segmento de inclusão ou exclusão no interior ou exterior de um grupo e que nunca está totalmente definida.

De acordo com Hall (2000), a identidade é um processo que se constrói através da diferença, compreendido na imaginação e no enganoso, tendo precisão daquilo que o falta, mesmo que essa falta seja de algo desarticulado ou omitido. A identidade é o processo de união do indivíduo com as suas categorias de sujeito, as quais é obrigado a assumir, independentemente de sua ideologia, cultura ou instituição.

 Kuper (2002) aponta que a identidade pode ser definida na psicologia como a manutenção de uma personalidade ao longo do tempo, o sujeito continua sendo o mesmo. Entretanto, a identidade está articulada a ideia de noção que o self tem certas particularidades essenciais e outras eventuais. Existe um verdadeiro eu, que por alguma razão não corresponde à pessoa que eu aparento ser. Posso com isto escolher, ou ser forçado a disfarçar elementos do meu self verdadeiro, mantendo-me invisível na sociedade. Porém a identidade não é um tema apenas particular, ela necessita ser vivida em sociedade, em uma conversa com outras pessoas. Em uma colocação subjetiva, a identidade é uma descoberta que o próprio indivíduo faz, implicando em sua identificação com outros indivíduos. O seu eu interno avista o seu lugar na sociedade ao participar da identidade de uma coletividade.

Para Silva (2004a), dois elementos históricos terão envolvimento na estruturação da subjetividade do afrodescendente. O primeiro elemento é a dificuldade de organização da sua identidade na sociedade como sujeito afrodescendente e o segundo elemento é o impedimento de se organizar como sujeito internamente na sociedade como indivíduo afrodescendente em sua completude. A internalização do eu ideal branco, juntamente com a depreciação da auto imagem, ambas propagadas por instituições e relações interpessoais, afetam o eu do afrodescendente e sua identidade.

Ferreira (2004) dividiu o processo de desenvolvimento positivamente afirmativo da identidade do sujeito afrodescendente em quatro estágios: a) estágio de submissão, b) estágio de impacto, c) estágio de militância e d) estágio de articulação.

1. Estágio de submissão: ocorre a idealização do ideal mundo branco e desvalorização do mundo negro. O afrodescendente mantém-se afastado do mundo negro pertencente, pois acredita ser melhor o mundo branco.
2. Estágio de impacto: desenvolve-se no indivíduo quando ele passa a perceber a discriminação ao seu redor, sofrida ao longo de sua vida, exercida pelo grupo branco. Em muitos casos, esse estágio se dá a partir de uma experiência dramática como no sujeito que se percebe não poder ser branco, sentindo-se forçado a focalizar-se em peculiaridades de sua identidade que o insere no grupo afrodescendente. O indivíduo sente-se confuso, assustado, podendo entrar em quadro depressivo. Culpa, raiva e angustia generalizadas, são emoções comuns as pessoas que atravessam por este estágio. Nesse estágio é decisivo tornar-se negro.
3. Estágio de militância: o negro inicia um processo de metamorfose, desenvolve nova construção pessoal que diz respeito aos atributos étnicos originários africanos. Esse estágio possibilita desenvolver positivamente uma identidade afrodescendente e uma autoestima.
4. Estágio de articulação: o afrodescendente realiza coalizões com membros de outros grupos, mantém relação com outros afrodescendentes e está mais aberto a se relacionar com brancos, o que não acontece no estágio de militância.

Os brasileiros que fazem parte da elite do nosso país identificam-se como brancos e assumem peculiaridades do branco europeu como meio de representação de superioridade étnica, com isto muitos afrodescendentes sentem-se deslocados. Há um sentimento de desvalorização de seus atributos intelectuais e físicos, decorrentes de vivencias diárias na relação com outras pessoas, tornando-se complexo o processo de identificação racial no Brasil (CAMARGO; FERREIRA, 2011).

Segundo Hall (2000), a identidade é um tema recorrente e importantíssimo, principalmente quando se trata de índole política, mas para que haja avanço da discussão sobre o tema é preciso reconhecer a sutura do psíquico e do discurso em sua capacidade, assim como a necessidade e impossibilidade da identidade.

AS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO RACISMO NA POPULAÇÃO AFRODESCENDENTE BRASILEIRA

De acordo com Nogueira (2008), os efeitos psicológicos que o racismo provoca, moldam a conduta e a maneira como nós pensamos, produzimos e sentimos. Além de esclarecer as questões sociais é preciso curar as feridas psíquicas, que existem e são as piores. Em alguns casos de vítimas de racismo, o afrodescendente luta e adquire uma vitória pessoal e social, mas para alcançar tal vitória ele foi obrigado a se auto-destruiu por não acreditar em si, não se vê capaz daquilo, ou não se gosta, por ter internalizado o racismo ao longo da vida passando a se auto discriminar sem se dar conta.

O racismo causa dor e com o objetivo de evitá-la, o afrodescendente, muitas vezes, liga-se à ideologia da brancura, eliminando de seus pensamentos as características que fazem parte da sua identidade e concedem ao discurso branco um direito onipotente de decidir sobre o que pode e deve pensar sobre si mesmo. Ou seja, o afrodescendente, priva-se de sua identidade, para receber a “alma branca” e ser aceito pelos demais na sociedade (COSTA, 1983).

Segundo Pompeu (2008), o sujeito forma-se por meio do olhar-se no outro, no olhar dos pais e da sociedade. É o desejo de estar no olhar da outra pessoa, de ser gostado e aceito pela família e pela sociedade. Outra necessidade para o desenvolvimento da autoestima é o sentimento de pertencimento a um grupo, pois o grupo pode ou não reafirmar valores, dar ou não referência de adequação ao sujeito, dar referência de como as outras pessoas reagem na presença de alguém. Conforme Silva (2004b), o contato permanente com o mundo ideal branco, onde acontecem frustrações e a falta de perspectivas para o futuro, podem originar transtornos emocionais nos afrodescendentes.

No Brasil onde a maioria da população é composta por afrodescendentes não se têm dados precisos sobre a incidência de transtornos mentais, no entanto, pode-se afirmar que muitos vivem em um continuo sofrimento mental, pois são carentes as condições de subsistência e é ampla a falta de perspectivas de vida futura e ao internalizar figuras negativas, alguns afrodescendentes passam a ter transtornos de pensamento e de comportamento, sentimentos inferiores, comportamentos isolados, entendido por muitos como timidez ou agressividade (SILVA,2004b)

Para Amarante (2007), a saúde mental não é apenas um estudo e um tratamento de doenças mentais, é uma investigação da história do sujeito, da religião, da cultura, da ética moral e ideológica. É uma condição de bem-estar mental. A Organização Mundial de Saúde pensa que a saúde é a situação de completo bem-estar físico, mental e social, e não unicamente a falta de doenças. Conforme Silva (2004b), a saúde mental, é constituída por três elementos: bem estar subjetivo, exercício das capacidades mentais e a qualidade com a qual a pessoa se relaciona com o meio ambiente. Já o equilíbrio psíquico se dá por meio de tensão entre as forças individuais e ambientais nas pessoas e o racismo é um dos fatores que expõe um alto número de pessoas ao sofrimento psíquico.

Alguns afrodescendentes vítimas do racismo vivem em estado de tensão emocional ininterrupto composto de angustia e ansiedade, com fendas repentinas dos distúrbios de conduta e de pensamento, com sentimento de culpa e inquietude. Algumas alterações na saúde física e psicológica recorrentes de práticas racistas que o afrodescendente sofre são: dificuldade em se abrir, ataque de raiva violenta e visivelmente não provocada, alcoolismo e baixa autoestima (SILVA, 2004b).

O racismo atinge a autoestima do afrodescendente, tornando-se impossível ter autoestima boa em um regime racista, pois a autoestima proporciona confiança ao sujeito de ser querido e capaz por outros sujeitos, o que não ocorre com o afrodescendente que é visto como uma “coisa” ruim e suja pela sociedade. A autoestima é uma construção, importante para afrodescendentes e brancos, pois não nascemos com autoestima, ela é construída ao longo das relações de origem, afetivas e sociais. A autoestima é que se reconhece do positivo, do possível, da possibilidade. Quando não existe a possibilidade de reconhecimento pelos demais membros do grupo a baixa autoestima é instalada e quando o sujeito afrodescendente é vítima de racismo não há possibilidade em ter autoestima boa, porque não se tem reconhecimento, e até para que o racismo se mantenha no sujeito, se mantém a autoestima baixa por meio da ideologia de que o outro é inferior (NOGUEIRA, 2008).

Na descrição de Pompeu (2008), a autoestima é um sentimento que o sujeito é capaz de desenvolver por si mesmo. É reconhecer-se e valorizar-se por suas qualidades, atributos físicos, mentais e intelectuais. Também é uma atitude de respeito para com suas próprias imperfeições e limitações. A autoestima é um valor individual e coletivo que tem a ver com a forma pela qual alguém, ou algum grupo se vê, portanto a autoestima é um sentimento necessário à saúde física, mental e emocional variável à influência externa. O segmento de estruturação da autoestima envolve identidade, amor, respeito, valorização, positividades e de se sentir sujeito, o que torna-se impossível as vítimas de racismo.

Júnior e Vasconcelos (2004), em pesquisa de campo realizada no estado de Alagoas, constatam que crianças moradoras de periferias associam a imagem do sujeito afrodescendente como ruim e negativo, gerando um autoconceito baixo sobre si mesmo. Elas têm baixa autoestima em comparação as crianças residentes de quilombos. Um dos fatores que cooperam para a autoestima baixa dessas crianças é o ideal de identidade branca produzida há algumas décadas passadas. Esta ideia de branqueamento é presente nos quilombos porém existem elementos que valorizam a imagem do afrodescendente quilombola; a autoestima deles é mais elevada do que os moradores de periferia, fortemente elevada pela valorização da cultura, artesanato, capoeira. Problemas econômicos e de saúde afetam a autoestima do afrodescendente quilombola, porém em menor impacto em comparação com os afrodescendentes que habitam a periferia. Já os afrodescendentes de periferias além de enfrentarem baixa autoestima decorrentes de problemas de saúde, desastres, e economia, são condicionados a incorporar uma figura inferior de si mesmo, e de produzir um autoconceito carregado de elementos negativos.

De acordo com Costa (1983), a violência racista atinge tanto o corpo do afrodescendente quanto arruína a dinâmica organizacional mental do mesmo. Sobre o corpo, explica que a imagem corporal que o afrodescendente vem construindo está associado à dor, deixando que o corpo seja pensado como fonte de prazer. Isso produz consequências na forma como o afrodescendente se coloca na sociedade e se constitui como um ponto da violência racista. Por meio do racismo, estabelece-se uma relação preconceito de cor, se estabelece uma relação perseguidora entre o afrodescendente e o se corpo, este, que deveria ser fonte de vida e prazer, torna-se um lugar permanentemente ameaçado de dor e morte, em seguida, o afrodescendente passa a controlar e vigiar o seu corpo, contraditório à identidade branca que ele foi coagido a desejar.

**MATERIAL E MÉTODO**

Essa pesquisa é de caráter literária e descritiva, pois visou descrever a problemática racista em nossa sociedade dentro da psicologia e investigar as consequências na saúde mental da população afrodescendente brasileira. Para descrever tal fenômeno, foi feito uso de livros, artigos e jornais científicos referentes aos assuntos aqui abordados, aos quais constituíram o corpo do referencial teórico.

**DISCUSSAO**

Na descrição de Camargo; Ferreira (2011) e Nogueira (2008), o Brasil foi e continua sendo racista, a diferença é que o racismo está mais exposto atualmente. A máscara caiu e quanto mais cair menos sofrimento psíquico o afrodescendente terá. À medida em que o mito da democracia racial ruiu, onde uma relação harmoniosa entre brancos e negros era sustentada socialmente, não condizente com a realidade da população afrodescendente e que escondia o racismo, os afrodescendentes desistiram de se imaginar birutas, loucos, loucos esses que lutavam contra o nada.

De acordo Nascimento (2004), a questão racial também é uma dinâmica relacional, o problema não é somente do afrodescendente, mas também é do branco. A identidade da brancura é uma identidade silenciada, operante e imperante na sua hegemonia através do silêncio que marca a configuração brasileira de racismo. Se a criança diz: “mãe, o fulano me chamou de tição”, a mãe a silencia: “não liga, não. Isso não é problema”. A desvalorização e o desprezo são ignorados ou anulados na agressão verbal, enquanto isso, se reforça a atitude discriminatória daquele que comete a ofensa racial.

Camargo; Ferreira (2011) e Silva (2004a) corroboram que o meio socioeconômico do afrodescendente e o modo como o ambiente interage, juntamente com os auxílios psicológicos e a posição com a qual ele se adapta, influenciam para a delicada posição na saúde mental e física do sujeito afrodescendente. Esses aspectos geram no inconsciente, coletivamente assinalado pelo racismo, violência física e simbólica, marcas psíquicas, gera dificuldade em assumir sua identidade afirmativamente, distorce sentimentos e a percepção de si mesmo. É comum ao sujeito afrodescendente, mas com colocação social superior ser tratado como branco, já, uma pessoa negra mas em posição socioeconômica baixa, ser tratado e considerado negro pela sociedade. Buscar valorizar a cultura afrodescendente, pode colaborar para a determinação das características raciais. A etnia e cultura do afrodescendente é diariamente meditada como de pouco valor. Questionar o racismo sofrido pelo brasileiro afrodescendente é um curso complexo, mas que não se pode dispensar.

Conforme Nogueira (2008), os afrodescendentes são continuamente e permanentemente vítimas de racismo, e lutar contra ele é bastante difícil, pois o racismo destrói a possibilidade de ser do afrodescendente. Mas, partir do momento em que é percebido que a história pessoal se intercala na história da sociedade e da cultura, começa-se a produzir antídotos contra o veneno do racismo. É necessário que a sociedade tome conhecimento que a diferença não faz mal, pelo contrário, a diferença é rica e estimuladora de crescimento e de enriquecimento.

O tema do racismo possui pouca expressão na Psicologia, e as consequências de ações racistas deveriam exigir dos profissionais das Ciências Humanas uma atenção especial, é necessário que a Psicologia compreenda de forma mais ampliada e exclusiva, a relação do racismo com as consequências psíquicas para os sujeitos afrodescendentes brasileiros, e desta maneira fabricar conhecimento que relate a realidade presente na sociedade. É necessário pensar o racismo como ocasionador de dor psíquica e que este problema não é somente de afrodescendentes, mas sim de todos (CASTELAR; SANTOS, 2012).

Segundo Dos Santos (2008) e Zink (2008), o racismo não irá cessar por decreto, é um processo longo e que talvez jamais acabe. Porém, um dos caminhos para se trabalhar com o racismo é trabalhar com as consequências psicológicas, pois é nessa índole pouco explorada que habitam as maiores sequelas para vários afrodescendentes.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos concluir que o racismo causa dor, baixa autoestima, dificuldade em afirmar sua identidade afrodescendente, entre outros sofrimentos psíquicos. O racismo pode ser multifacetado, encoberto, dissimulado ou naturalizado. É importante notar que a psicologia deve refletir esses assuntos, e de como seus instrumentos podem colaborar para transferências efetivas no que dizem respeito as influências do racismo na saúde mental.

Espera-se por fim que este estudo possa ajudar profissionais e estudantes interessados em conhecer mais a respeito do racismo e as consequências psicológicas em afrodescendentes brasileiros.

**AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Maria Assuncíon Valverde Ferreira por me apoiar e incentivar sempre. Ao meu namorado, Abdulai Ismail Seca pela paciência e companheirismo. Ao professor Valter Freitag por sua disponibilidade e generosidade em ser meu orientador. Ao professor Paulo Sarmento por sua disposição em me ajudar. Ao meu amigo Richard Junior Suriel por ter feito a tradução do resumo deste artigo. Bem como a todos os meus familiares e amigos, que são muitos e se torna impossível descreve-los neste espaço.

**REFERÊNCIAS**

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BADARÓ, Marcelo. **Racismo: o que a psicologia tem a ver com isso?** Rio de Janeiro, Jornal nº 18, agosto, 2008, CRP-RJ. Disponível em: <<http://www.crprj.org.br/publicacoes/jornal/jornal18-entrevistas.html>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2015.

BIZERRIL, José; CERQUEIRA, F. B. Pinheiro. In.: **CONEPE 2014. VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) negros(as).** Belém/PA.Disponível em: **< <**http://www.para2014.copene.org>.Acesso em: 26 de fevereiro de 2015.

CAMARGO, Amilton C; FERREIRA, Ricardo F. **As relações cotidianas e a construção da identidade negra**. Revista psicologia: ciência e profissão, São Luís, n 31, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932011000200013&script=sci_arttext>> Acesso em: 01 de março de 2015.

CASTELAR, Marilda; SANTOS, Carolina C. de O. **Relações raciais no ensino de psicologia: uma experiência de sensibilização. Revista psicologia, diversidade e saúde. Salvador**,dezembro, 2012. Disponível em: <<http://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/issue/view/6/showToc>< Acesso em: 05 de maio de 2015.

COSTA, Jurandir Freire. **Da cor ao corpo: a violência do racismo. In. SOUZA,** Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** 2 ed.Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

DE PAULA, Adilton. **Educar o Brasil com raça: “das raças ao racismo que ninguém vê”.** In. SANTOS, **Gevanilda; SILVA, Maria P. Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI.** 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

DOS SANTOS, Marcos A. **A história como aliada.** In. POMPEU, Fernanda. **Os efeitos psicossociais do racismo.** 1 ed.São Paulo: imprensa oficial do estado de São Paulo: Instituto AMMA psique e negritude, 2008.Disponível em: **<**<http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/projetossociais/psiquenegritude.pdf>.> Acesso em: 23 de abril de 2015.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção.** 1 ed. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FILHO, José M. Gonçalves. **I Encontro Nacional de Psicólogos(as) e Pesquisadores(as) sobre Relações Interraciais e Subjetividade no Brasil**. 2008. Disponível em: < <http://anpsinep.cfp.org.br/arquivos/ipsinep/> >. Acesso em: 02 de março de 2015.

GARCIA, Renísia C. **Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993-2005**. 1 ed. Brasília: Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira, 2007.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In.: DA SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 5 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JÚNIOR, Gérson A. da S. VASCONCELOS, Sibele de B. M. **Auto-estima em afrodescendentes: a partir de estudos comparativos.** In.: BRITO, Ângela M. B. B; SANTANA, M. de M.; CORREIA, Rosa L. L. S. **Kulé-kulé: educação e identidade negra. 1ed.** Maceió: EDUFAL, 2004.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos.** 1 ed.Tradução: Mirtes Frange de O. Pinheiros.Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LABURTHE-TOLRA, Philippe; Warnier, Jean-Pierre. **Etnologia – Antropologia**. 3ed. Tradução de Anna H. Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURENÇO, Conceição. **Racismo: a verdade dói. Encare.** 1 ed. Editora Terceiro Nome. 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abdias do Nascimento e sua luta pelos Direitos Humanos.** In.: SILVA, Marcus V. de O. **Psicologia e direitos humanos: subjetividade e exclusão.** 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília, DF: Conselho federal de psicologia, 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil.** 1 ed.São Paulo, SP: Selo Negro Edições, 2003.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Ninguém foge da própria história. In.:** Pompeu, Fernanda. **Os efeitos psicossociais do racismo.** 1 ed.São Paulo: imprensa oficial do estado de São Paulo: instituto AMMA psique e negritude, 2008.Disponível em: **<**<http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/projetossociais/psiquenegritude.pdf>.> Acesso em: 23 de abril de 2015.

NUNES, Sylvia da S. **Racismo no Brasil: Tentativas de disfarce de uma violência explícita.** Psicologia USP, n 17,2006. Disponível me: < <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000100007> > Acesso em: 02 de março de 2015.

POMPEU, Fernanda. **Os efeitos psicossociais do racismo.** 1 ed.São Paulo: imprensa oficial do estado de São Paulo: instituto AMMA psique e negritude, 2008.Disponível em: **<**<http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/projetossociais/psiquenegritude.pdf>.> Acesso em: 23 de abril de 2015.

SAMPAIO, Adriana S. **I Encontro Nacional de Psicólogos(as) e Pesquisadores(as) sobre Relações Interraciais e Subjetividade no Brasil.** 2008. Disponível em: <http://anpsinep.cfp.org.br/arquivos/ipsinep/> >. Acesso em: 02 de março de 2015.

SILVA, Marcus V. de Oliveira. **Psicologia, subjetividade e relações raciais no Brasil.** BOCK, Ana M. B, (org). **Psicologia e o compromisso social.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Maria L. **O preconceito racial humilha, a humilhação social faz sofrer, reflexões sobre a construção psíquica do sujeito negro.** 1 ed. In.: SILVA, Marcus V. de O. **Psicologia e direitos humanos: subjetividade e exclusão.** São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília, DF: Conselho federal de psicologia, 2004a.

 SILVA, Maria L**. Racismo e os efeitos na saúde mental. Texto apresentado no I Seminário de Saúde da População Negra**. 2004b. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/seminario\_nacional\_saude\_pop\_negra.pdf > Acesso em: 01 de março de 2015.

SILVA, Maria Palmira. **Identidade racial brasileira. In.:** SANTOS, Gevanilda, (org.). **Racismo no Brasil. Percepções da discriminação e do preconceito racial do século XXI.** 1 Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SOUZAS, Raquel. **A saúde da população negra: uma questão de direito e equidade.** Rev. Ed. Popular, Uberlândia, n.4, dez.2005 Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19919> Acesso em: 01 de março de 2015.

ZINK, Liane. **Entre o silêncio e o grito. In.:** Pompeu, Fernanda. **Os efeitos psicossociais do racismo.** 1 ed. São Paulo: imprensa oficial do estado de São Paulo: Instituto AMMA psique e negritude, 2008.Disponível em: **<**http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/projetossociais/psiquenegritude.pdf.> Acesso em: 23 de abril de 2015.